

**arnaldo
antunes**

**agora
aqui
ninguém
precisa
de si**



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto e das fotos © 2015 by Arnaldo Antunes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Arnaldo Antunes

Foto de capa
Arnaldo Antunes

Revisão
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antunes, Arnaldo

Agora aqui ninguém precisa de si / Arnaldo Antunes — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2596-8

1. Poesia brasileira I. Título.

15-03676

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

nada, 9
a água, 11
neste depois, 13
nocaute, 15
sala vazia, 16
(f)útil, 19
acaba acontecendo, 21
só o sol, 22
narciso, 25
desgênesis, 27
dois pés, 29
cielo ciclo, 31
desprezo, 32
ponte, 35
procura uma parede, 36
água placentária, 38
dot by dot, 41
mancha, 43
recuerde, 44
coleção de esquecimentos, 47

todo mundo, 48
ânsia mansa, 51
ocaso, 53
desamarrar, 57
faz-se, 59
sonho, 60
moon do, 63
lunha, 65
pedra de pedra, 67
osso, 71
súbito mito, 72
você que me continua, 75
formiga, 77
horas, 78
imprevisto, 81
prosinhas, 82
conversa, 87
quando alguém perguntar, 89
inver, 90
extrair, 93
átomo átimo, 95
um sopro, 97
raio de sol, 98
só assunto, 101
womb tomb, 103
um instante, 105
eu todo mundo, 106
contra o muro, 109
para reparar, 111
ferida, 113
um aceno, 115
abrilho ferrolho, 117
rede, 119
não sei, 121
fogo, 123

epifania, 125
não posso dormir em São Paulo, 127
poema tirado de uma notícia de jornal 2, 128
o ruído do rio, 131
xis, 132
se acha, 135
história, 137
cópula, 138
o que é, 141
silêncio, 142

nada
com um vidro na frente
já é alguma coisa

nada
com um vento batendo
já é alguma coisa

nada
com o tempo passando
já é alguma coisa

mas
não é nada

a água
da água
não se se
para

não se se
gura
a água

a água
só se

ca

algures
vênus

alhures
sírius

mas aqui

neste
depois

agulha

alguma

fura

o céu
de CO₂

ilesos em meu asilo
de carne e pele
passo
do impasse que me impede
ao impulso que me impele
ao impacto
e peço
ao tempo que apressa o passo
do ímpeto ao inevitável
que me livre
de empate
e me leve
leve
ao nocaute
do casulo que me isola
agora

espera
na sala de espera

janta
na sala de jantar

está
na sala de estar

sonha sumir
um dia
em uma sala
vazia